

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

Alunos Desatentos

Estratégias para a sala de aula

Lénia Cristina Nuno Serafim da Silva Gomes

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada

Orientado pelo Professor Dr. António Montiel

Ano Letivo 2015/1016

Maio 2016

DEDICATÓRIA

A Deus que nos criou e foi criativo nesta
tarefa. Seu fôlego de vida e em mim me foi
sustento e me deu coragem para
questionar realidades e propor sempre um
novo mundo de possibilidades.

AGRADECIMENTOS

Este estudo não estaria concluído, sem antes prestar os mais sinceros agradecimentos a todos aqueles, que deram o seu contributo para a sua concretização.

Agradeço a todos e a todas que de forma mais próxima contribuíram para a realização desta dissertação, quer com apoios de carácter formal quer informal.

Começo por agradecer ao Professor Doutor António Montiel, orientador da tese, um sincero agradecimento pela disponibilidade, estímulo, orientação, apoio e incentivo.

Às minhas colegas de mestrado pela partilha de conhecimentos, apoio, incentivos e disponibilidade prestados ao longo da realização deste trabalho; à minha família, em especial ao meu marido e ao meu filho com quem eu amo partilhar a vida, a paciência, ajuda, o incentivo, a força com que me prestaram; aos meus pais, aos meus irmãos por me incentivarem a construir sonhos e me ajudarem a torná-los realidade; à minha colega e amiga Vera pelo apoio, ajuda disponibilidade os meus sinceros agradecimentos; a todos os professores, alunos e funcionários onde realizei os estágios em especial ao Professor cooperante Paulo Marques, a força com que acreditaram em mim, pela troca de informações, conselhos e ajudas, aos meus amigos e amigas de outros contextos pela amizade e otimismo transmitidos que permitiram superar com mais facilidade dificuldades sentidas na realização desta dissertação.

“O valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso, existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis.”

Fernando Pessoa

RESUMO

Neste relatório pretende-se evidenciar o resultado da prática educativa em contexto escolar, 1.º ciclo do ensino básico, a partir de uma análise crítica, reflexiva e fundamentada da Prática Educativa Supervisionada. Este relatório apresenta, assim, uma componente teórica que clarifica conceitos essenciais ao desenvolvimento de uma prática letiva sustentada e uma componente empírica que explicita muitas das ações realizadas nas escolas.

A partir da observação direta dos alunos durante o estágio pude perceber que as crianças, apesar de não apresentarem dificuldades específicas de aprendizagem, tinham dificuldades em manter-se atentas durante o tempo necessário para a execução das tarefas escolares propostas pelo professor. Essa situação tinha relação direta com o seu desempenho e comprometia o sucesso escolar.

Assim, o problema abordado neste trabalho passou por identificar o que é a atenção, nomeadamente as suas funções em crianças de 1º ciclo, e como o professor pode promover a atenção dos seus alunos em sala de aula.

A atenção é fundamental para a assimilação de novos conceitos e compreensão de conteúdos e por isso era necessário perceber quais os fatores que podem influenciar a atenção dos alunos para depois traçar estratégias de intervenção que sejam facilitadoras no que diz respeito à promoção da atenção e interesse dos alunos.

A motivação é um fator determinante para captar a atenção do aluno e consequentemente conseguir uma aprendizagem eficaz. O papel do professor é de grande relevância no processo de aprendizagem do aluno pois é a ele que compete gerir e organizar os conteúdos escolares a lecionar e adotar uma metodologia de ensino que favoreça a motivação do aluno para a aprendizagem.

Logo, a atenção do aluno vai estar diretamente relacionada com a forma como o professor realiza o seu plano de aula e interage com os alunos em sala.

Cabe ao professor desenvolver atividades variadas, respeitando o tempo de atenção da criança na sua fase de desenvolvimento, ajudar o aluno a reconhecer o que o leva à distração e o que o motiva

a aprender com mais facilidade e competência.

O professor pode adotar várias estratégias para captar a atenção ou desenvolver o domínio da atenção das crianças de 1º ciclo. Essas estratégias, apresentadas neste trabalho, constituem uma ferramenta útil que pode servir de guia prático para os professores utilizarem na sala de aula com os alunos.

ABSTRACT

This report aims to highlight the result of educational practice in schools, 1st cycle of basic education, from a critical analysis, reflective and reasoned Educational Practice Supervised. This report therefore presents a theoretical clarifying concepts essential to the development of a sustained teaching practice and an empirical component that explains many of the actions carried out in schools.

From direct observation of students during the stage I could see that the children, despite not presenting specific learning difficulties, had difficulty keeping vigilant for the time necessary to carry out the tasks proposed by the school teacher. This situation was directly related to their performance and compromise the academic success.

Thus, the problem addressed in this work has to identify what is the attention, in particular its functions in children of 1st cycle, and how the teacher can promote the attention of their students in the classroom.

Attention is essential for the assimilation of new concepts and understanding of content and so it was necessary to understand the factors that can influence students' attention and then draw intervention strategies that are enabling with regard to the promotion of attention and interest of students.

Motivation is a key factor to capture the student's attention and consequently achieve effective learning. The teacher's role is very important in the student learning process because it is him responsible for managing and organizing school subjects to teach and adopt a teaching methodology that promotes student motivation for learning.

Therefore, the attention of the student will be directly related to how the teacher performs his lesson plan and interact with students in the classroom.

The teacher has to develop various activities, respecting the child's attention span in its development phase, help the student to recognize what leads to distraction and what motivates you to learn more easily and competence.

The teacher can adopt various strategies to capture the attention or develop the field of attention of children of 1st cycle. These strategies presented in this work, are a useful tool which can serve as a practical guide for teachers to use in the classroom with students.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I	
Enquadramento teórico metodológico da Prática de Ensino Supervisionada (PES)	
2.1 Atenção	15
2.2 Motivação	17
2.3 Fatores que podem influenciar a falta de atenção/interesse	
na aprendizagem	19
2.4 O papel do professor	21
2.5 Estratégias de intervenção	22
CAPÍTULO II	
CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO INSTITUCIONAL E COMUNIDADE	
ENVOLVENTE	
3.1. Caracterização do local de estágio	28
3.1.1 Caracterização da escola	28
3.1.2 População servida	29
3.1.3 Serviços educativos prestados	30
3.1.4 Estrutura organizacional da instituição	30
3.1.5 Características gerais dos documentos normativos	31
3.2. Práticas correntes, observadas na instituição em relação ao	
problema abordado	34
CAPÍTULO III	
A Prática de Ensino Supervisionada (PES) na Instituição	36

CAPITULO IV

CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
-----------------------------	-----------

BIBLIOGRAFIA	52
---------------------	-----------

INTRODUÇÃO

O presente relatório diz respeito ao desenvolvimento da prática de ensino supervisionada (PES), com vista a concluir o 2.º ciclo de estudos que confere o grau de mestre e que habilita os discentes para a docência no nível de ensino em causa, 1º ciclo do ensino básico. Trata-se, então, da etapa final do processo de formação de professores.

Neste sentido, pretende-se apresentar o resultado da ação educativa desenvolvida no 1º ciclo do ensino básico, partindo de uma reflexão crítica e fundamentada sobre a mesma na medida em que, o desenvolvimento da capacidade de reflexão permite à futura profissional questionar-se, bem como as suas práticas.

Durante todo o processo de estágio, frequentemente, questiona-se sobre que modelo de professor a formanda será, que papel irá desempenhar para que, no futuro, se torne uma profissional competente capaz de, perante situações imprevisíveis e por vezes complexas, tomar decisões, no imediato, sobre a ação desenvolvida, potenciando a sua resolução.

Como processo de aprendizagem, o estágio permite: mobilizar conhecimentos; conceber projetos curriculares a curto e médio prazo (planificações), baseados na observação, na contextualização e na avaliação; concretizar as intenções educativas e desenvolver uma postura reflexiva e crítica da ação pedagógica através da análise não só do processo mas também do produto.

Perante o exposto, o presente relatório procura descrever a ação desenvolvida em contexto educativo, relacionar a prática pedagógica com teorias explicativas da mesma, analisar as opções didático-pedagógicas tomadas e compreender os resultados alcançados pelas crianças, na sequência das intervenções efetuadas, tendo em conta o leque variado de situações mas também de aprendizagens que foram proporcionadas/dinamizadas com o intuito de promover um conjunto de aprendizagens. Tal conjunto de aprendizagens inclui a aquisição de conhecimento, o

desenvolvimento de competências, a promoção de valores e a vivência de práticas. Neste sentido, o currículo pode ser compreendido como uma preparação de crianças e jovens para que sejam membros participantes da comunidade em que se inserem.

Pelo exposto procurou-se que os objetivos enunciados fossem articulados com o trabalho prático exploratório de estratégias de intervenção, nomeadamente estratégias de atenção, investindo-se desta forma na pesquisa de práticas nesta matéria, bem como de base teórica que as sustentasse.

Procura-se também analisar algumas das suas implicações no sucesso escolar das crianças.

A par do referido apresenta-se neste relatório a procura de respostas para as seguintes questões:

- . Como promover a atenção no processo de aprendizagem de crianças de 1º ciclo do ensino básico?
- . Que estratégias de aprendizagem fomentam a atenção dos alunos e promovem a sua aprendizagem significativa?

A partir desta reflexão, revela-se que o presente relatório se encontra organizado por capítulos.

No primeiro capítulo, Enquadramento teórico- metodológico da Prática de Ensino Supervisionada (PES), aborda-se o tema/problema específico das Dificuldades de atenção do aluno de 1º ciclo e propõem-se Estratégias de Intervenção para esses alunos.

Este capítulo é apresentado a partir da identificação dos conceitos principais: Atenção e Motivação.

De seguida referem-se os Fatores que podem influenciar a falta de atenção ou interesse na aprendizagem.

Destaca-se a importância do Papel do Professor.

E por último propõem-se Estratégias de Intervenção adequadas ao problema das dificuldades de atenção dos alunos de 1º ciclo, em sala de aula.

O segundo capítulo, Caracterização do contexto institucional e comunidade envolvente, centra-se na apresentação e enquadramento, organizacional, do local de estágio. Neste caso, consideram-se os elementos principais, como: população servida, serviços educativos prestados, características gerais dos documentos normativos que orientam o nível de ensino em que a PES foi desenvolvida (programas e/ou as metas de aprendizagem), bem como a estrutura organizacional da instituição.

Para além destas informações gerais de contexto institucional e comunitário, são também apresentadas as práticas correntes, observadas na instituição, em relação à atenção. Para tal são utilizadas, quando se justifica, as referências teórico-empíricas apresentadas no capítulo anterior sejam estas fontes educativas oficiais ou de autores independentes.

De uma forma sintética, este segundo capítulo apresenta as práticas correntes da instituição, com ênfase na atenção e prepara o leitor para compreender as propostas e vivências de intervenção realizadas pela estagiária que são apresentadas no capítulo seguinte.

No capítulo seguinte, capítulo III A Prática de Ensino Supervisionada (PES) na Instituição, relatam-se, contextualizam-se e analisam-se as atividades realizadas a partir das dificuldades da atenção, considerando-se as atividades de intervenção propostas e os seus desdobramentos.

Os autores e fontes, utilizados no capítulo anterior são aqui também lembrados como referência de intervenção e compreensão das propostas aplicadas. Ainda neste capítulo incluem-se todas as informações e acontecimentos que intervieram antes e após as atividades levadas a cabo, tais como a interação do estagiário com professor cooperante e supervisora do estágio.

Este relatório culmina com algumas considerações finais, capítulo IV, onde se reflete sobre os resultados obtidos com o desenvolvimento da prática pedagógica supervisionada, bem como sobre algumas das limitações sentidas durante a sua concretização.

CAPÍTULO I

Enquadramento teórico metodológico da Prática de Ensino Supervisionada

O objetivo deste capítulo é o de apresentar a fundamentação teórica do tema de estudo, apoiada por textos de autores que abordam empírica e teoricamente o problema.

Partindo de uma reflexão crítica e fundamentada do resultado da ação educativa desenvolvida no 1º ciclo do ensino básico, durante o processo de estágio, surgiu a necessidade de procurar resposta para as seguintes questões:

- . Como promover a atenção no processo de aprendizagem de crianças de 1º ciclo do ensino básico?
- . Que estratégias de aprendizagem fomentam a atenção dos alunos e promovem a sua aprendizagem significativa?

No decorrer do estágio pude observar que as crianças revelavam falta de atenção às atividades propostas pelo professor e que pareciam ter dificuldade em se concentrar durante o período de tempo estipulado para a execução das tarefas escolares. Além disso, a localização geográfica do edifício onde a escola está inserida, bem como a sua estrutura física, pareciam influenciar essa desatenção dos alunos pois o ruído da rua e a luminosidade da sala eram fatores de distração.

Tornava-se urgente procurar saber as causas do problema para, a partir daí, se adotarem estratégias de intervenção pedagógica que conduzissem ao sucesso académico dos alunos bem como à sua aprendizagem significativa onde o aluno é sujeito ativo no processo de aprendizagem.

Assim sendo, achamos necessário começar a revisão de literatura de modo a definir o conceito de atenção, identificar as funções da atenção humana e como estas intervêm para uma aprendizagem eficaz.

A partir do conceito sobre o que é a atenção e como ela se desenvolve ou apreende verificamos que o domínio da atenção é condicionado pela idade cronológica da criança, pois as crianças em idade escolar ainda não têm o domínio da atenção bem desenvolvido e encontram-se em diferentes estágios de desenvolvimento da atenção conforme a sua idade.

A atenção é fundamental para a assimilação de novos conceitos e compreensão de conteúdos. No entanto, o aluno só se esforça para estar atento se tiver motivação. A motivação é a determinante principal para o êxito da aprendizagem. Por isso também se torna necessário abordar o conceito de motivação neste trabalho bem como a auto regulação do aluno face à sua aprendizagem. Devemos levar em conta os condicionantes que interferem na motivação do aluno, sejam estes intrínsecos ou extrínsecos a ele. Na análise das capacidades metacognitivas e de auto regulação tende-se a tratá-las unicamente como características intrínsecas do aluno. Os alunos regulam ou podem regular a sua atividade cognitiva por meio da interação com os seus professores ou colegas.

Sendo a motivação um fator determinante para captar a atenção do aluno e consequentemente conseguir uma aprendizagem eficaz, procuramos saber o que os autores referem ser as causas para a desmotivação dos alunos e consequentemente a sua falta de atenção detetada na sala de aula. Por isso no 3º subcapítulo mencionamos os fatores intervenientes na falta de atenção e/ou interesse na aprendizagem que os autores destacaram como sendo os mais recorrentes tais como quantidade de alunos por sala, a metodologia utilizada pelo professor, organização do espaço, entre outros.

O papel do professor é de grande relevância no processo de aprendizagem do aluno pois é a ele que compete gerir e organizar os conteúdos escolares a lecionar e adotar uma metodologia de ensino que favoreça a motivação do aluno para a aprendizagem. Logo, a atenção do aluno vai estar diretamente relacionada com a forma como o professor realiza o seu plano de aula e interage com os alunos em sala. Importa por isso referirmos neste trabalho qual o papel do professor no processo de ensino-aprendizagem. Este constitui o 4º subcapítulo deste trabalho. Cabe ao professor

desenvolver atividades variadas, respeitando o tempo de atenção da criança na sua fase de desenvolvimento, ajudar o aluno a reconhecer o que o leva à distração e o que o motiva a aprender com mais facilidade e competência.

O 5º subcapítulo enumera várias estratégias que o professor pode adotar para captar a atenção ou desenvolver o domínio da atenção das crianças de 1º ciclo. Essas estratégias constituem uma ferramenta útil que pode servir de guia prático para os professores utilizarem na sala de aula com os alunos.

1.1 Atenção

O estudo da atenção tem despertado a curiosidade de inúmeros pesquisadores há mais de um século. Segundo Andreason (2001), citado por Sprenger (2008, p. 23), “atenção é o processo cognitivo que nos permite controlar os estímulos irrelevantes, percebendo estímulos importantes e passar de um estímulo para outro”.

Para exemplificar a atenção, Sprenger (2008, p. 22 e 23) narra uma situação em sala de aula onde uma aluna empenhada em seu trabalho equilibra informações visuais realizando o seu desenho, e, ao mesmo tempo, dá atenção a informações auditivas, alcança materiais aos colegas e explica o seu desenho a outra colega. Como é possível perceber, essa aluna mobiliza diferentes canais sensoriais na hora de realizar uma tarefa.

Pozo (2002, p. 146) reforça a mesma ideia quando afirma que “uma vez motivado, o aluno necessita ativar outros processos para conseguir uma aprendizagem eficaz. Um desses processos é a atenção”. O autor explica que a atenção humana apresenta três funções vinculadas entre si (2002, p.146):

- a) um sistema de controle de recursos limitados;
- b) um mecanismo de seleção ou filtro da informação que deve ser processada;

c) um mecanismo de alerta ou vigilância, que permite manter ou sustentar a atenção.

Desta forma, podemos compreender que a atenção tem diversas funções que trabalham juntas. Surge com isso, o problema de falta de atenção na aprendizagem, podendo atingir indivíduos de todas as idades. Porém, é nas crianças, principalmente nos anos iniciais da escolarização, que se pode considerar como um momento difícil, pois elas não têm o domínio da atenção trabalhado o suficiente.

Neste sentido, Carrasco (2004, p. 103), afirma que uma das estratégias para a atenção é “levar em conta que à medida que se cresce cronologicamente, tem-se maior domínio sob a atenção”.

Até aos 6 anos, é esperado e normal que essa capacidade seja de curta duração, com inúmeras interrupções e retomadas. Os projetos ficarão inacabados se não estiver um adulto por perto a organizar.

Dos 7 aos 12 anos, essa habilidade já é bem maior, mas poucos conseguirão ficar mais do que 30 minutos numa atividade com poucos estímulos (estudar, por exemplo) sem se distrair.

A partir dos 13 anos, a capacidade de focar a atenção aproxima-se da do adulto. Mas não nos esqueçamos que adolescentes são impulsivos, exagerados e questionadores, por isso, mesmo que atentos, podem ter dificuldade de valorizar o motivo de se manter em uma tarefa monótona, de longa duração e voltada para resultados no futuro. (Taylor, 2008)

A criança quando inicia o 1º ciclo está num estágio em que naturalmente se distrai pelas inúmeras informações contidas no ambiente e, atende a vários comandos ao mesmo tempo. Nesta fase, ela não tem maturidade para separar as informações relevantes das irrelevantes, ao que Carrasco (2004, p. 103), adverte-nos dizendo que a “atenção não se produz sempre automaticamente, mas que às vezes exige algum esforço”.

Cabe ao professor desta etapa de ensino, orientar o aluno com relação a tomar consciência da necessidade de atenção e autocontrole diante de inúmeros estímulos, como é o caso das informações que circulam no ambiente educativo.

Por se conhecer que a atenção é limitada e por mais esforço que se faça não atinge nunca a realidade totalmente, faz-se necessário selecionar as informações relevantes do ambiente, escolher um foco para a atenção e exercer empenho sobre o objeto a ser estudado.

Bernad (1995), citado por Carrasco (2004, p. 62), afirma [...] tem que selecionar a informação, pois existe para cada tema quantidades enormes de informações que não podem ser armazenadas na mente. Tem que centrar a atenção na informação que é realmente necessária para aprender. Isto implica em duas coisas: selecionar as fontes da onde encontra a informação e selecionar a informação que é importante destas fontes.

Considerando que as crianças na fase dos anos iniciais escolares estão com sua atenção em pleno desenvolvimento e não obtém o domínio e controle dela, compete aos educadores ajudá-las nos procedimentos de reorganização e orientação com relação à atenção.

Sendo assim, as estratégias de atenção são entendidas como os caminhos empregados pelo aluno para favorecer o controle ou direção de todo o sistema cognitivo até a informação relevante de cada contexto.

1.2 Motivação

A capacidade de atenção está diretamente relacionada com o grau de motivação do aluno face à tarefa apresentada. Quanto mais motivado está o aluno, mais tempo de atenção ele consegue obter e logo mais eficaz é a sua aprendizagem.

Importa por isso percebermos o que é a motivação e de que forma ela influencia a capacidade de atenção.

Para Fita (2003) a motivação é um conjunto de variáveis, sejam contextuais ou pessoais, que ativam a conduta e a orientam em determinado sentido para poder alcançar um objetivo.

Para Huertas, (2001), a motivação é entendida como um processo psicológico, ou seja, ela é proporcionada por meio dos componentes afetivos e emocionais. É a energia psíquica do ser humano. São vários os atributos que influenciam na motivação da pessoa. Contudo, ela mostra-se de forma diferente para cada indivíduo, visto que estes possuem diferentes metas, expectativas e formas de enfrentar as tarefas e a vida.

Pozo (2002) salienta que a motivação deve ser considerada como um requisito, uma condição prévia da aprendizagem, pois sem motivação não há aprendizagem.

Bzuneck (2001) diz que, no aluno, a motivação é considerada como a determinante principal do êxito e da qualidade da aprendizagem escolar.

A respeito da relação motivação-aprendizagem, Fita (2003) enfatiza a importância dos modelos de aprendizagem e ensino estarem repletos de ideias relativas à motivação, no intuito de que os alunos aprendam realmente. Assim, estas ideias devem levar em conta os condicionantes que interferem na motivação do aluno, sejam estes intrínsecos ou extrínsecos a ele.

A motivação intrínseca está associada, explícita e implicitamente, ao conceito de interesse. Por sua vez, o conceito atualizado de interesse é definido como uma orientação motivacional intrínseca específica de conteúdos. A pessoa, quando estiver interessada num determinado conteúdo ou atividade, quer aprender ou levar até ao fim a atividade por vontade própria.

Em relação às capacidades meta-cognitivas e de auto regulação, elas atuam, de acordo com alguns autores, como variáveis ou processos mediadores entre a decisão de tentar atingir uma meta e a execução das atividades necessárias para alcançá-las.

Entre os aspetos que influiriam na motivação a partir dessa perspectiva, haveriam fatores em

que o sujeito centra a atenção- por exemplo, na experiência negativa do fracasso depois de um erro ou na pesquisa das informações pertinentes para aprimorá-lo-, o conhecimento que o aluno tem sobre as diferentes maneiras possíveis de alcançar o objetivo e a efetividade potencial de cada uma dessas; e o meta-conhecimento para utilizar os fatores anteriores da maneira mais eficaz uma determinada situação (Kuhl, 1987) .

Em geral, na análise das capacidades meta-cognitivas e de auto regulação tende-se a tratá-las unicamente como características intrínsecas do aluno, sem levar em conta a dimensão social. Não obstante isso, frequentemente os alunos regulam ou podem regular a sua atividade cognitiva por meio da interação com os seus professores ou colegas. Nesse sentido, alguns autores destacaram a importância para a auto-regulação da estratégia de pesquisa e demanda de ajuda (Nelson-LeGall, 1981:Ames, 1983: Newman, 1991).

Tradicionalmente, a pesquisa de ajuda por parte de outros tem sido considerada como uma manifestação de dependência, de imaturidade ou de incompetência. No entanto, os autores argumentam que essa estratégia é potencialmente mais benéfica que abandonar prematuramente a tarefa. É mais apropriada que a esperar passivamente e mais eficiente que persistir sem êxito sem recorrer a outros. Diante de uma situação problemática, o aluno pode auto-regular-se modificando a tarefa, a situação ou a si mesmo. Uma maneira de modificar a situação é pedir a ajuda do professor ou de um colega mais eficaz. Os alunos que chegam a um bom rendimento acadêmico são particularmente sensíveis à utilidade de pedir e demandar ajuda.

1.3 Fatores que podem influenciar a falta de atenção/interesse na aprendizagem

Reconhecendo a importância da motivação e da auto-regulação para o sucesso da aprendizagem do aluno, surge a necessidade de perceber as causas da desmotivação dos alunos. Porque os alunos não conseguem dominar a atenção, em que situações e contextos isso mais acontece e que fatores podem condicionar essa situação.

Um dos fatores que os autores apontam como causa para a falta de atenção na aprendizagem é o atual avanço tecnológico. Os brinquedos interativos ocupam cada vez mais o tempo das crianças, colocando o interesse pelos estudos em segundo plano. Além disso, os meios de comunicação social, têm despertado a atenção das crianças por meio de atrativos que estão além do simples facto de frequentarem uma escola.

No entanto, esta, muitas vezes, não oferece os mesmos encantos, o que geralmente provoca certos desinteresses e falta de motivação dos alunos pelos estudos em sala de aula, visto que brincar, para a maioria das crianças, é muito mais atraente do que o ato de estudar.

Segundo Zenti (2000), os especialistas no assunto afirmam que os professores devem mostrar aos seus alunos que estudar pode ser divertido.

Contudo, a maior dificuldade está em competir com os atrativos tecnológicos e com os brinquedos que encantam as crianças, e que na escola não existem.

Somado a isso existe o mundo da sala de aula apresentando um cotidiano com intenso quantitativo de atividades, geralmente monótonas, avaliações obrigatórias, propostas pedagógicas pouco desafiadoras para os alunos, grande quantidade de alunos por sala, ausência de decoração e materiais, enfim, inúmeros fatores que não motivam os alunos a estudar.

Como diz Tapia (1992, p.13): (...) acreditamos que a maioria destas condições - programas excessivamente carregados, muitos alunos por sala, falta de materiais adequados, influência negativa da família, perspectivas de futuro negativas etc - escapa ao nosso controle, o que costuma dar-nos uma visão bastante pessimista da possibilidade de motivar esses alunos.

Além disso, a motivação não acontece de forma espontânea. Para que ela ocorra é necessário considerar a participação dos sujeitos envolvidos (professores, alunos, família), bem como a estrutura e o espaço físico.

As dificuldades que os alunos enfrentam em concentrar-se nas aulas e no estudo podem dever-se também à falta de objetivos específicos para cada sessão de estudo, a uma atitude de

passividade nas aulas e também à pouca preocupação com o ambiente de estudo.

Podem também estar presentes uma série de fatores de distração como: ansiedade proveniente de várias preocupações; pensamentos divergentes; acontecimentos inesperados, etc. Outros fatores externos podem ser por exemplo: o ruído, a luminosidade, as condições do espaço de estudo ou da própria escola, o calendário de exames, doença, entre outros.

Para ultrapassar estas dificuldades, é necessário identificar os fatores de distração em cada caso, refletindo sobre o local de estudo e aquilo que se costuma fazer quando se estuda. Embora cada indivíduo tenha o seu próprio método de estudo, há condições consideradas necessárias para um local de estudo adequado.

Portanto, quando se pensa em motivação para a aprendizagem, consideram-se as características do ambiente escolar como: quantitativos de alunos por sala, metodologias utilizadas pelo professor, organização do espaço, entre outros.

1.4 O papel do professor

Para Guimarães (2001) a sala de aula é descrita como um espaço de socialização cultural, que envolve desenvolvimento cognitivo e afetividade. Enfatiza ainda que seja de grande relevância para o estímulo da aprendizagem dos estudantes, organizar e propiciar um clima encorajador da sua iniciativa, que contemple as suas necessidades internas e perspectivas pessoais.

No âmbito da sala de aula, o papel do professor é de grande valor no comportamento e envolvimento dos alunos. Lima (2000) menciona que o professor tem a tarefa de proporcionar situações favoráveis para que o aluno aprenda

Também quanto a esse aspeto, Fita (2003 p. 92) evidencia que:

(...) a própria pessoa do professor pode ser uma fonte de motivação importantíssima. O tipo de relação que estabelecemos com os alunos pode gerar uma confiança e um aumento de atenção que

são condições indispensáveis para a aprendizagem (...).

Sendo o professor figura favorecedora do processo ensino-aprendizagem, para um aluno se motivar a aprender algo é preciso que esse organize o ambiente de forma que desperte o desejo, a necessidade e a vontade do aluno para atingir um objetivo, atuando assim como "agente ativo" e propiciador de metodologias diversas no âmbito da sala de aula (Lima, 2000)

De acordo com Tapia (2003), os alunos estão motivados ou não em função do trabalho que têm de realizar, significado que percebe no contexto e que estão relacionados com alguns desígnios, podendo variar à medida que a atividade decorre. Assim, a aceitação da atividade é facilitada ou dificultada dependendo da forma como os professores a apresentam.

Então, se é no ambiente de sala de aula que o professor seleciona os meios que deve utilizar para despertar a motivação dos seus alunos, esta "resulta de um conjunto de medidas educacionais, que são certas estratégias de ensino ou eventos sobre os quais todo o professor tem amplo poder de decisão" (Bzuneck, 2001).

1.5 Estratégias de intervenção

Com base na fundamentação teórica estudada para este trabalho, e à luz do que os vários autores dizem sobre estratégias de aprendizagem, constata-se a necessidade de utilizar estratégias de atenção no processo de aprendizagem das crianças do 1 ciclo.

As crianças, de maneira geral, nessa fase do desenvolvimento e da aprendizagem, apresentam atenção e concentração na hora de aprender e entendem o que é proposto. Cabe ao professor, portanto, desenvolver atividades variadas, respeitando o tempo de atenção da criança na fase do desenvolvimento, ajudar o aluno a reconhecer o que o leva à distração e o que lhe motiva a aprender com mais facilidade e competência.

Para Carrasco (2004, p. 60) “as estratégias de atenção são aquelas que favorecem o controle e o direcionamento de todo o sistema cognitivo para a informação relevante de cada contexto”. O

autor considera a atenção como o primeiro passo para captar a informação, os processos de atenção são encarregados de transformar e transportar a informação.

Carrasco (2004, p. 102), sugere aos professores, como possibilidade para facilitar a concentração de seus alunos, os seguintes procedimentos:

- Indicar os objetivos concretos a alcançar, com um tempo adequado à idade dos alunos.
- Cada unidade de aprendizagem deve ter uma duração que o aluno possa dominar.
- Ajudar a relacionar as novas informações com os conhecimentos prévios.
- Realizar atividades variadas em cada momento e levar em conta o cansaço.
- Ajudá-los a perceber o que os distrai:
 - causa interna: preocupações, problemas pessoais...
 - causa externa: ruídos, mesa cheia de coisas...
- ajudá-los a encontrar a sua forma de trabalho para que lhe permita a concentração e consciência desta necessidade
- ritmo adequado de trabalho: ensiná-los a encontrar a forma pessoal de evitar distrações.
- Encurtar o tempo de explicação oral para ser substituída por atividades dos alunos.
- Ser um bom narrador: de experiências, de sucessos, de anedotas, de exemplos...
- Dispor de um conjunto de estratégias que eduquem o “saber escutar”: tomar notas, perguntar etc...

Os autores destacam a importância do professor conhecer o seu aluno, a maneira pela qual ele aprende, o contexto onde vive, suas possibilidades e limitações. Para tanto, o professor poderá ajudá-lo a identificar o seu perfil de aprendizagem, salientando os pontos fortes e fracos e, concomitantemente, desenvolver uma metodologia de aula mais significativa e que possibilite um melhor desempenho e rendimento do aluno

De acordo com estes procedimentos definem-se estratégias de intervenção para aplicar em sala de aula de forma a fomentar e captar a atenção dos alunos.

Alzira Fernandes (2006) destaca algumas dessas estratégias:

- procurar fortalecer a relação afetiva entre professor e aluno, com momentos de conversa pessoal
- estruturar e subdividir mais as atividades;
- usar mais o quadro para registo de instruções para as tarefas- instruções simplificadas e repetidas;
- usar fichas com tópicos e instruções para as tarefas
- supervisionar mais as atividades do aluno durante as aulas (se passa para o caderno...) e nos testes, embora com subtileza;
- conversar com ele sobre os eventuais conflitos em que esteja envolvido, ouvi-lo calmamente e explicar-lhe calmamente o que houver a explicar.
- mostrar-se calmo, quando o repreender.
- combinar antecipadamente e em momentos de crise, ir junto do aluno avisá-lo para sair durante x tempo (para acalmar) e depois voltar;
- usar um código lúdico para sinalizar a gradação do problema. Evitar criticar o aluno em público, ou fazer discursos longos. Ser objetivo e referir-se só ao comportamento, sem juízos sobre a sua personalidade.
- Levar o aluno a auto-avaliar e auto-registar o seu comportamento (chama-se aos dois juntos: auto-monotorização).
- Fazer contratos comportamentais (identificando o comportamento a atingir, sempre pela positiva)
- Dar preferência ao reforço positivo de comportamentos incompatíveis com o disruptivo;
- Estabelecer pequenas metas a alcançar de cada vez;

- Manter contacto com a família e levá-la a usar métodos idênticos;
- Fazer trabalho de equipa com os outros profissionais pertencentes à equipa multidisciplinar no que diz respeito a cada situação concreta e para obter informação sobre outras estratégias.

É necessário também ter em conta o local de estudo e aquilo que se costuma fazer quando se estuda. Embora cada indivíduo tenha o seu próprio método de estudo, há condições consideradas necessárias para um local de estudo adequado:

- Ter um local destinado exclusivamente ao estudo e tarefas escolares;
- Ter um local confortável com boa iluminação;
- Ter o material necessário nesse local antes de começar a estudar;
- Retirar do local de trabalho tudo aquilo identificado como distrator;
- Evitar ser interrompido.

A falta de atenção também ocorre durante as aulas devido ao barulho da sala, a conversa com os colegas, o desinteresse pelo tema ou simplesmente por estar a pensar noutras coisas. Pode-se ultrapassar dando atenção ao discurso e tirando apontamentos.

Ir às aulas tem vantagens:

- Aprende-se algumas matérias que facilitam o estudo posterior;
- Aprende-se a organizar o estudo com os pontos a que o professor dá mais importância;
- Tiram-se apontamentos próprios;
- Tiram-se dúvidas com o professor;
- Convive-se com os colegas.

Estar atento e concentrado são condições básicas para a memorização, que por sua vez é essencial para o estudo. Para tal, é necessário que haja um envolvimento naquilo que está a ser estudado, compreender o que se estuda, descobrindo um sentido para o tema e relacionando com aquilo que já se sabe. Pode-se desenvolver a memorização através de algumas ações que facilitam a recordação:

- Planear antecipadamente o estudo;
- Sublinhar, tirar apontamentos e fazer revisões;
- Tomar atenção ao índice, títulos, subtítulos, fórmulas e palavras-chave;
- Elaborar esquemas ou diagramas;
- Ler em voz alta;
- Explicar o que aprendeu a outra pessoa.

Estudar em grupo também facilita a aprendizagem e para tal deve-se:

- ter um número de membros não excessivo;
- traçar um plano de objetivos concretos;
- não confundir a reunião de trabalho com uma de carácter lúdico;
- fazer intervalos.
- Recorrer a mnemónicas quando não é possível estabelecer uma ligação lógica entre os elementos.
- Uma mnemónica consiste em formar uma palavra, frase ou história com as primeiras letras de cada palavra-chave (e.g.: o método P.L.E.M.A é por si uma mnemónica; vejamos: Pré-leitura; Leitura; Esquematização; Memorização; Auto-avaliação).

Algumas destas sugestões podem-se resumir num método de estudo conhecido como P.L.E.M.A.,

uma série de técnicas de estudo que facilitam a assimilação dos conteúdos com maior rendimento e menor fadiga.

Este método é composto pelas seguintes etapas:

1.) Pré-leitura:

Leitura rápida, pouco profunda e global para perceber o assunto e as partes do texto. Para isso, deve-se atender ao primeiro parágrafo, sumários, conclusões, títulos e subtítulos, itálicos, sublinhados e palavras-chave.

2.) Leitura

Leitura detalhada e atenta do texto, sublinhando as ideias principais.

3.) Esquematização

Realização de um esquema ou resumo da matéria, a utilizar aquando da revisão final dos conteúdos a avaliar.

4.) Memorização

Divisão do esquema ou resumo pelos tópicos ou ideias principais de forma a facilitar a retenção dos conteúdos. É aconselhável, aquando da eventual memorização, fazer pequenos intervalos para descanso. Nesta fase é frequente recorrer-se a mnemónicas.

5.) Auto-Avaliação

Escrever ou dizer em voz alta, por palavras próprias as ideias principais retidas do esquema ou resumo. O objetivo desta fase é avaliar aquilo que no momento se sabe.

CAPÍTULO II

Caracterização do contexto institucional e comunidade envolvente

1. Caracterização do local de estágio

Os principais objetivos deste capítulo são apresentar (sem elementos que permitam sua identificação) e enquadrar, organizacionalmente, o local de estágio. Neste sentido, considera-se num 1º ponto, aspetos como a caracterização da escola, a população servida, os serviços educativos prestados, a estrutura organizacional da instituição e as características gerais dos documentos normativos que orientam o nível de ensino em que a prática de ensino supervisionada (PES) foi desenvolvida (isto é, os programas e/ou as metas de aprendizagem).

Num 2º ponto deste capítulo consideram-se as Práticas Correntes, observadas na instituição, em relação ao problema abordado.

Neste sentido, salienta-se que o período de estágio, decorreu num período de três meses e meio (Novembro a Março), numa Instituição que se encontra no coração de Lisboa, na freguesia da Encarnação.

A Encarnação é uma antiga freguesia portuguesa do concelho de Lisboa, com 0,19 km² de área e 2 252 habitantes (2011). Densidade: 11 852,6 hab/ km²

Como consequência de uma organização administrativa, oficializada a 8 de Novembro de 2012 e que entrou em vigor após as eleições autárquicas de 2013, foi determinada a extinção da freguesia, passando o seu território integralmente para a nova freguesia da Misericórdia.

1.1 Caracterização da escola

A escola enquadra-se num dos muitos agrupamentos de escolas, cuja sede é a respetiva escola básica e secundária. Ao longo da sua história teve diferentes funções mas desde há, aproximadamente, 5 anos que as escolas que funcionavam no edifício foram unificadas apresentando, atualmente, uma identificação/um nome.

No que respeita ao edifício, propriamente dito, este encontra-se dividido em 2 pisos, em que no do rés-do-chão está uma sala de Jardim-de-Infância, uma sala polivalente, um ginásio, uma cozinha e um refeitório, bem como uma despensa. Já no 1º andar encontram-se as sala de aula respeitantes aos diferentes anos de escolaridade do 1º ciclo do ensino básico, instalações sanitárias (de acordo com a legislação em causa), uma sala onde são desenvolvidas as atividades da componente de apoio à família, uma sala de reuniões, uma sala de professores e outras para os assistentes operacionais. No 2º e último piso encontram-se duas salas de aula e a biblioteca.

1.2 População servida

A escola é composta por uma população heterogénea de 115 alunos de 1º ciclo, oriundos de várias localidades de Lisboa.

A turma do 2º ano, onde está a ser realizado o meu estágio, é constituída por vinte crianças, catorze rapazes e seis raparigas, com idades compreendidas entre os seis, sete anos.

Integradas na turma, há crianças provenientes de outras etnias/culturas, tais como crianças de origem africanas, romenas, etnia cigana. A mais velha é uma menina com 10 anos de idade. Esta menina chegou a Portugal precisamente há dois anos. Iniciou o ano letivo nesta escola, mas continua apresentar muita dificuldade em falar e interpretar o Português, o que lhe dificulta a aprendizagem e compreensão, sendo necessário um acompanhamento individualizado, por vários professores de apoio, em todas as áreas,

Pelas características físicas e humanas da escola é fomentado um ambiente alegre e civilizado, conseguindo, que todos se conheçam e há o cuidado de acompanhar o desenvolvimento global de cada criança.

1.3 Serviços educativos prestados

De entre as atividades propostas às crianças, estão as atividades de enriquecimento curricular como a atividade física e desportiva, o inglês, o ensino das expressões e a expressão corporal.

Além do referido a escola dispõe, igualmente, de um conjunto de serviços dos quais os alunos podem usufruir, como expressão musical, ensino especial, psico-motricidade e assistência social (ensino pré-escolar) e ensino especial, apoio sócio-educativo, educação moral e religiosa, animação sócio-cultural, biblioteca escolar e assistência social (1º ciclo do ensino básico).

A escola apresenta, ainda, uma estrutura dirigida aos pais e encarregados de educação, a Associação de Pais, bem como assegurado pela respetiva junta de freguesia atividades de animação e apoio à família, componente de apoio à família (funciona entre as 7:00-9:00 e as 16:00-19:00).

A alimentação no refeitório é da responsabilidade de uma empresa externa.

Uma das mais-valias apresentada pela escola é a sua página web em que a professora responsável faz questão de manter atualizada e com todas as informações necessárias ao bom funcionamento e boa articulação entre todos os membros da comunidade educativa.

1.4 Estrutura organizacional da instituição

Neste momento a equipa pedagógica é coordenada por uma docente que coordena todo o trabalho aí desenvolvido bem como os diferentes professores e educadores, em que cada professor é titular de turma de diferentes anos de escolaridade (1º ciclo do ensino básico), e assistentes operacionais (seis auxiliares de ação educativa, uma cozinheira e uma ajudante de cozinha).

A escola de 1º ciclo e Jardim de Infância funciona das 9h00m às 16h00m.

As atividades de Enriquecimento Curricular funcionam fora do horário letivo, sendo um período compreendido das 16h30m às 17h30.

Dado que a partir de Janeiro deu-se início à atividade da piscina cita em Alverca, duas vezes por semana, 2ª feira das 11h30m às 12h15m, 6ª feira das 11h00m às 11h45m, desenvolvidas em parceria com a Câmara Municipal de Lisboa.

A escola dispõe ainda de um serviço de Componente de Apoio à Família que funciona das 7h00 às 9h00 da manhã e das 16h00m às 19h00m no período da tarde.

1.5 Características gerais dos documentos normativos

Assim, como ocorre também em outros estabelecimentos de ensino, além dos valores e princípios da sociedade em que se insere, nesta escola procura-se educar e desenvolver competências não só escolares mas também pessoais e sociais, procurando que todos se respeitem, tornando-se pessoas livres, responsáveis, tolerantes e com sentido crítico.

Tendo em mente tais características apresentam-se, agora, as características gerais dos documentos normativos que orientam o nível de ensino em que a PES foi desenvolvida, isto é, o 1º ciclo do ensino básico.

A matriz curricular do 1º ciclo do ensino básico é definida pelo Ministério da Educação, neste caso, apresenta-se no Decreto-Lei n.º 176/2014, de 12 de dezembro, dividida pelos 1º e 2º anos de escolaridade, e 3º e 4º anos de escolaridade. Tal matriz surge na sequência de diferentes propostas que visam a aquisição de competências escolares por parte dos alunos e pela própria Lei de Bases do Sistema Educativo que determina o carácter universal, obrigatório e gratuito do ensino básico (veja-se que no artº 7.º cumpre “assegurar uma formação geral comum a todos os portugueses”). Neste sentido, pode-se afirmar que o ensino básico é a etapa da escolaridade em que se concretiza, de forma ampla, o princípio democrático e informa que todo o sistema educativo contribui, por seu lado, para aprofundar a democratização da própria sociedade. Este facto só pode ser compreendido a partir de uma perspectiva de desenvolvimento e de progresso, em que seja possível promover a realização individual de Todos, em harmonia com os valores da solidariedade e

preparando-os para uma intervenção útil e responsável na comunidade.

É a própria Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei nº 46/86, de 14 de outubro, com as alterações introduzidas pelas Lei nº 115/97, de 19 de Setembro e Lei nº 49/2005, de 30 de agosto) que define o conjunto de objetivos gerais que deverão ser prosseguidos na escolaridade básica (art^{os} 7º e 8º). Refletindo nos valores da escola, os três objetivos gerais da referida Lei encontram-se aqui:

- 1.Criar as condições para o desenvolvimento global e harmonioso da personalidade, mediante a descoberta progressiva de interesses, aptidões e capacidades que proporcionem uma formação pessoal, na sua dupla dimensão individual e social.
- 2.Proporcionar a aquisição e domínio de saberes, instrumentos, capacidades, atitudes e valores indispensáveis a uma escolha esclarecida das vias escolares ou profissionais subsequentes.
- 3.Desenvolver valores, atitudes e práticas que contribuam para a formação de cidadãos conscientes e participativos numa sociedade democrática.

Considerando a PES é necessário reconhecer que se impõe a existência de distintas etapas Psico-pedagógicas que, neste caso corresponde ao 1º ciclo do ensino básico a escola procura adequar o nível de prossecução dos referidos objetivos aos estádios de desenvolvimento dos seus alunos. Tal preocupação denota-se, igualmente, ao nível da conceção dos planos de estudo de cada disciplina, onde o próprio Ministério da Educação, por se tratar de campos de ensino-aprendizagem delimitados, já definiu objetivos específicos, ou seja, a consecução destes objetivos deve subordinar-se ao desenvolvimento das competências essenciais, gerais e específicas definidas no currículo nacional – o “Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais”, encontrando-se os princípios orientadores da organização e gestão do currículo bem delimitados (artº 3.º do Decreto-Lei n.º 6/2001 de 18 de janeiro).

Os programas propostos para o 1.º Ciclo implicam, então, que o desenvolvimento da educação escolar, ao longo das diferentes faixas etárias características, constitua uma oportunidade

para que os alunos realizem experiências de aprendizagem ativas, significativas, diversificadas, integradas e socializadoras que garantam o direito ao sucesso escolar de cada aluno. É, neste enquadramento, que as estratégias de atenção utilizadas em contexto de sala de aula fazem todo o sentido e permitem uma aprendizagem mais ativa por parte da criança.

Neste sentido, verifica-se que ao longo de todo o estágio, os princípios agora enunciados foram constatados uma vez que requerem, da parte do professor, a atenção a um conjunto de valores profissionais que permitam mobilizar estratégias, atitudes e comportamentos consequentes, como seja: o respeito pelas diferenças individuais e pelo ritmo de aprendizagem de cada aluno; a valorização das experiências escolares e não escolares anteriores; a consideração pelos interesses e necessidades individuais; o estímulo às interações e às trocas de experiências e saberes; o permitir aos alunos a escolha de atividades; a promoção da iniciativa individual e de participação nas responsabilidades da escola; a valorização das aquisições e das produções dos alunos; permitindo, acima de tudo, a criação de um clima favorável à socialização e ao desenvolvimento moral de cada criança (e, acrescenta-se, do próprio professor.

Para que aquela tomada de consciência seja exercitada no quotidiano escolar, para que tenha valor formativo para o aluno e constitua um progresso profissional para o professor, requiere-se a construção e utilização de instrumentos de registo sistemático e partilhado que permitam a leitura do desenvolvimento das aprendizagens de cada aluno. Tal registo permitirá uma gestão mais adequada do estado das aprendizagens e realizações do aluno e dos processos de ensino que o próprio professor deverá utilizar ou corrigir para o êxito da cooperação, indispensável ao sucesso de ambos, aluno e professor.

O sucesso do grupo de crianças evidencia não só o trabalho do professor mas acima de tudo das próprias crianças. O grupo de crianças instaladas na sala onde decorreu a PES caracteriza-se pelo mesmo ser composto por 20 alunos (14 rapazes e 6 raparigas), com idades compreendidas entre os 6 e os 10 anos de idade, que se encontram a frequentar o 2º ano de escolaridade.

É uma turma bastante sociável, muito dinâmica e participativa, revelam muito interesse e curiosidade. A relação entre as crianças da turma, de uma forma geral, é muito boa e os alunos gostam muito de se ajudar uns aos outros (por vezes, algumas crianças são tutoras dos colegas, apoio este bem aceite pelos colegas que são ajudados).

Normalmente, as crianças encontram-se sempre motivadas para realizar todas as tarefas que lhe são apresentadas, demonstrando agrado pela escola. Caracterizando o seu comportamento, de uma forma geral, o grupo apresenta alguma dificuldade em “ouvir”, parar, acalmar e concentrar-se na aula, pois qualquer coisa os distrai (o que revela por parte dos alunos alguma imaturidade, pouco ritmo de trabalho e dificuldade em manter a atenção/concentração até ao final das tarefas). Há, no entanto, algumas crianças chegam, consecutivamente, atrasados.

A relação professor-alunos assenta numa profunda cumplicidade e afetividade, pois se alunos confiam no professor e existe uma grande abertura de ambas as partes. A relação entre os alunos é muito boa, são um grupo unido apesar de ainda ser indispensável a intervenção do professor, na resolução de conflitos entre determinados alunos.

2. Práticas correntes, observadas na instituição em relação ao problema abordado

Além destas informações gerais de contexto institucional e comunitário, bem como do próprio grupo de estudantes, neste capítulo, serão evidenciadas as práticas correntes, observadas na escola, em relação à atenção.

De acordo com a caracterização do ambiente educativo em sala de aula e do modelo pedagógico observado, em conversa com o professor cooperante, docente titular da referida turma, foi explicado que utiliza estratégias diversificadas, procurando atender às necessidades de cada criança, logo, procura implementar estratégias diferenciadas para que os alunos possam desenvolver a sua atenção. É, por isso, que o professor promove um ambiente educativo em contexto de sala de aula que permite a aquisição de uma crescente autonomia e responsabilidade por parte dos alunos.

No período em que a PES decorreu verificou-se uma progressão contínua, nomeadamente, nos momentos de expressão escrita e resolução de situações matemáticas, havendo, como se justifica, necessidade de reforçar positivamente os alunos. Isto porque da avaliação formativa realizada, verifica-se que sendo uma turma bastante heterogénea (quer em termos de aprendizagens prévias, quer em relação ao comportamento, como ao relacionamento com os pares e até mesmo no que respeita à autonomia e responsabilidade) o professor procurou sempre implementar estratégias diversificadas promovendo do sucesso escolar de cada aluno de forma individual e, consequentemente, grupal. Uma das estratégias utilizadas, considerando tal diversidade de contextos familiar e escolar o professor procurou estreitar a relação escola-casa, permitindo a partilha de objetos de casa, designadamente, brinquedos e livros, e da escola, tais como, desenhos e trabalhos realizados em sala de aula.

Uma das estratégias implementadas pelo professor é a promoção de reuniões onde são discutidas propostas de atividades, bem como qual o sistema de recompensa-punição utilizado. Isto é, são as próprias crianças que se envolvem neste processo participando ativamente no seu processo de ensino-aprendizagem.

Resumidamente, este capítulo apresenta as práticas correntes da instituição, com ênfase na atenção, preparando o enquadramento das propostas e vivências de intervenção realizadas ao longo da PES e que são apresentadas no capítulo a seguir.

A Prática de Ensino Supervisionada (PES) na Instituição

Neste capítulo, relatam-se, contextualizam-se e analisam-se as atividades realizadas a partir do objeto de estudo escolhido, considerando-se as atividades de intervenção propostas e os seus desdobramentos.

Em primeiro lugar é determinante referir que todas as atividades e tarefas propostas foram previamente pensadas e objeto de reflexão pois a sua planificação é uma das fases mais importantes, dado que permite a sua preparação com calma e, consequentemente, uma implementação mais segura, permitindo a sua avaliação e posterior reajuste (se necessário). Assim, a preparação da PES foi desafiante pois apesar de todas as inseguranças, a observação das aulas do professor cooperante, a interação estabelecida pelo núcleo de estágio e a orientação dos docentes supervisores, permitiu o desenvolvimento do sentimento de confiança e de autoestima tão necessário para o desenvolvimento de uma prática pedagógica construtiva e crítica.

A primeira parte da PES refere-se a momentos de observação em contexto, permitindo que, aos poucos, a integração de um elemento estranho no contexto de sala de aula fosse interiorizada pelas crianças, mostrando-se estas mais à-vontade com tal presença. Este período foi fundamental para conhecer o grupo (avaliação formativa) e as metodologias implementadas pelo professor.

Esta primeira experiência de observação revela-se, igualmente, determinante para a prática em si pois durante a prática educativa é essencial saber observar para que se avaliem, por exemplo, comportamentos e situações de aprendizagem, tendo em conta os diferentes intervenientes neste processo (professor, alunos e escola). Esta observação, em contexto real, possibilita uma melhor compreensão do processo pedagógico enquanto tal.

Ainda em relação a esta primeira fase, de observação, salienta-se o facto de ter sido

determinante para o desenvolvimento da prática educativa na medida em que a “observação no contexto de sala de atividades é uma estratégia privilegiada que permite captar o processo de desenvolvimento/aprendizagem da criança” (Dias, 2009, p. 29).

Compreendendo a observação como técnica, esta deve ser estruturada de modo a que se possa recolher os dados relevantes para os objetivos definidos pois, tal como afirma Estrela (1986): “importa munir o observador (professor ou não) de um conjunto de ferramentas que lhe permitam operar. Entre elas, privilegiamos, numa fase inicial, técnicas e instrumentos de recolha sistematizada de dados” (p.271), lembrando que, para que a observação resulte como uma estratégia da ação pedagógica, é necessário definirem-se objetivos que permitam estruturar o processo (como delimitar o campo de observação, definir as unidades de observação e estabelecer sequências comportamentais). Deste modo, aquando da prática educativa, durante o período de observação em sala de aula, apenas se observou e registou informações sobre os alunos e sobre a ação desenvolvida pelo professor cooperante, não se verificando, inicialmente, uma interação com os alunos. Todavia, com o tempo realizaram-se momentos de observação participada.

Assim, enquadrada no processo de formação, a observação foi um procedimento fundamental, permitindo a interpretação e reformulação de estratégias de ensino/aprendizagem sempre que necessário, de acordo com as necessidades individuais de cada criança, do próprio grupo e da sua evolução. Este processo permitiu planificar, refletir e avaliar, orientando a prática através da reflexão na ação e sobre a ação.

Após o processo de observação, recolha e sistematização de informações para a construção do projeto a desenvolver, deu-se início à intervenção em contexto educativo.

Neste sentido, importa lembrar que no capítulo anterior foi já caracterizado o meio educativo, a escola e o grupo de crianças pois é a partir destes que se contextualizam as propostas de intervenção na medida em que é a partir do conhecimento da realidade que se torna possível

articular a mesma com o conhecimento teórico em prol de uma ação educativa consciente e promotora do sucesso educativo.

É importante salientar que apesar de haver este período crítico de observação a utilização deste método continuado ao longo de toda a PES, pois a reflexão crítica da ação pedagógica, baseada na observação, durante as intervenções permite analisar e refletir sobre a mesma e, consequentemente, identificar estratégias para melhorar.

Tendo em conta tudo o exposto e com base na experiência vivenciada conclui-se que, através da observação, o professor reconhece e identifica situações, apreende relações sequenciais e causais, é sensível às reações dos alunos, coloca questões e verifica soluções, recolhe objetivamente a informação, organiza-a e interpreta-a, revelando uma atitude crítica face aos modelos existentes e articula entre os pressupostos teóricos e a prática. A partir desta prática atinge-se o fundamento da prática pedagógica, na medida em que se reconhece a importância da observação no processo de formação como instrumento de diagnóstico e de avaliação e como um processo auto-regulador da prática pedagógica.

A partir desta fase de observação e após reunião conjunta foram construídas as planificações das atividades a desenvolver com o grupo-turma, refletindo-se as mesmas não para se centrarem na realização de um plano espartilhado mas no desenvolvimento de um processo com características próprias e relacionadas entre si. Cada planificação incluiu a identificação da área curricular, ano, nº de alunos, data, duração, além de: tarefa a realizar, domínios/conteúdos programáticos, metas/objetivos, operacionalização (descritores), modalidades e instrumentos de avaliação, metodologia, apresentação da tarefa aos alunos, ações do professor, organização dos alunos, comunicação dos resultados, recursos materiais, recursos humanos, previsão das estratégias a utilizar pelos alunos, previsão das dificuldades/erros, prevenção das dificuldades, como posso relacionar esta tarefa com as outras áreas de aprendizagem, reflexão sobre a implementação da

tarefa ou sequência didática (relato da atividade/aula), reflexão sobre o trabalho desenvolvido (questões relevantes que surgiram, questões (imprevistos) que surgiram ao nível do tema/da planificação/das atitudes dos alunos e como os resolvi, incluindo os imprevistos, fatores facilitadores e fatores perturbadores), dar continuidade nas áreas de expressão musical e estudo do meio, quando, avaliação e adição.

Ao iniciar a PES, a planificação foi compreendida enquanto elemento obrigatório do processo da prática pedagógica, reconhecendo o seu valor, também documentado por diversos autores. Todavia, o seu real sentido só foi percebido quando assumidas as práticas pedagógicas, ou seja, quando verificada a sua utilidade prática.

A primeira planificação foi, sem sombra de dúvida, um trabalho moroso, quer pela falta de preparação sentida para a sua elaboração, quer pela insegurança própria da situação vivenciada, quer pela elaboração do respetivo documento que seria objeto de avaliação, quer, ainda, pela falta de tempo para fundamentar todas as intenções pedagógicas. Porém, esta, mais do que uma tarefa obrigatória foi um elemento imprescindível no decorrer das intervenções, na medida em que, delineando um fio condutor, oferecia uma maior segurança e permitia contemplar e clarificar as potencialidades da prática pedagógica.

Ao considerar que o professor deverá decidir que estratégias de aprendizagem utilizar e como as concretizar para que se efetive o processo de ensino-aprendizagem, então, a torna-se determinante planificar de modo a encontrar respostas a questões como: Para quê? (atingir objetivos de modo a potenciar o desenvolvimento de competências e promover aprendizagens efetivas e significativas); o Quê? (conteúdos que se revelem em conhecimento); Como? (através de diferentes estratégias e metodologias); Com quê? (utilizar diferentes recursos e materiais); Para quem? (os alunos); Porquê? (orientar uma prática mais consciente). Através da planificação está-se a delinear um plano, a fazer uma previsão, com base num propósito a alcançar, a curto prazo, logo, a

planificação constitui o pilar das práticas pedagógicas, baseando-se na reflexão e previsão da ação do processo educativo.

A partir deste pressuposto, para cada tarefa (tal como referido) foi elaborada uma planificação, tendo em conta as orientações do professor cooperante no que respeita aos diferentes elementos do currículo. Assim, partindo das características e do nível de aprendizagem das crianças foram delineadas as competências que se pretendia que estas desenvolvessem e fundamentavam-se as estratégias adotadas e o modelo(s) de ensino orientador(es) da prática pedagógica, na escolha das experiências de aprendizagem propostas.

Desta forma, este modelo de planificação permitiu uma reflexão crítica dos resultados alcançados pelas decisões do formando, em articulação com o professor. No momento da construção da planificação foi possível questionar a intervenção pedagógica, mobilizando conhecimentos teóricos e práticos.

Após cada atividade é realizada uma avaliação do produto (avaliação sobre conhecimentos e capacidades desenvolvidos) e uma avaliação dos processos (avaliação sobre o modo como tinha decorrido o processo de ensino-aprendizagem). Numa análise geral das reflexões efetuadas importa destacar que as mesmas permitiam, entre outros aspetos, reformular estratégias, identificar dificuldades dos alunos, diagnosticar as necessidades e os interesses dos alunos, verificar a receptividade das experiências de aprendizagem por parte dos alunos, melhorar a gestão do tempo e avaliar as aprendizagens dos alunos.

A reflexão constante foi encarada como elemento integrante e regulador da prática educativa uma vez que a reflexão da ação, em termos formativos, implica um aperfeiçoamento da realidade e contexto em que cada um se insere. Desta forma, a avaliação permitiu a consciencialização dos efeitos da ação, através da recolha de informação que sustenta a adequação da prática pedagógica às necessidades das crianças e às suas respetivas evoluções. Logo, para além da autoavaliação da ação

pedagógica efetuada, após cada intervenção foi possível refletir em conjunto com o professor cooperante de modo a serem identificadas possíveis adequações que permitissem melhorar as estratégias do processo de ensino-aprendizagem.

Resumindo, o processo avaliativo tinha como objetivo fomentar a reflexão crítica e construtiva por forma a avaliar em que medida as experiências de aprendizagem propostas, na linha orientadora das planificações, tinham contribuído para a construção de aprendizagens significativas para as crianças. Desta forma, todas as planificações partiam da reflexão e da avaliação da ação pedagógica desenvolvida, de modo a adaptar as estratégias de aprendizagem aos objetivos definidos (sem esquecer as características do próprio grupo-turma). Assim, as propostas de planificação encontraram justificação nas potencialidades das experiências de aprendizagem, enquanto experiências desafiadoras e promotoras do desenvolvimento de diferentes competências. Nesta sequência, a esta avaliação do processo correspondia a avaliação do produto que resultava da observação, de registos ocasionais, de registos escritos das crianças (cf. Anexo I), da autoavaliação e de questionários orais.

É importante salientar que ao longo da PES a ação foi orientada no sentido de promover o desenvolvimento de competências nas diferentes áreas curriculares, visando metodologias que permitissem criar oportunidades para que os alunos realizassem experiências de aprendizagem ativas, significativas, diversificadas, integradas e socializadoras.

Neste sentido, tendo em conta os tempos mínimos para lecionar o programa do 1º ciclo do ensino básico, procurou-se respeitar os tempos estipulados, gerindo as diferentes áreas de forma interdisciplinar, uma vez que os vários domínios do conhecimento fazem mais sentido se trabalhados de forma integrada. Assim, de acordo com o horário da turma e as atividades e tarefas propostas, as diferentes áreas foram encadeadas articulando-se os conhecimentos dos vários domínios. Assim, tem-se que:

1. Em relação ao português: nesta área os alunos foram sendo incentivados a produzir textos escritos com intenções comunicativas diversificadas, procurando aperfeiçoar a competência da escrita pela utilização de técnicas de autocorreção através da reflexão (por exemplo, quando solicitado aos alunos que, após a produção de um texto, tendo conhecimento do objetivo da tarefa e das características do tipo de texto solicitado, corrigissem os seus textos solicitando-lhes que refletissem sobre a sua correção) e por outro lado, proporcionar a participação dos alunos nas atividades, recorrendo ao diálogo como estratégia. Quando o aluno tem um papel mais participativo na aula mostra-se mais motivado e interessado. Então, outra estratégia usada para captar a atenção dos alunos, era o conselho de turma, pois o diálogo e o debate estimulava o interesse destes pelos temas e prendia a sua atenção.

2. Na área de estudo do meio foram promovidas atividades de modo a levar os alunos a participarem na vida cívica de forma ética e responsável e a interpretarem acontecimentos, situações e culturas, de acordo com os respetivos quadros de referência histórica, social e geográfica e com base em vivências, relatos de experiências, saberes, observação e experimentação em contacto direto com o meio envolvente.

Por exemplo, na atividade do desenho do itinerário casa-escola foi possível conhecer melhor os alunos; promover o diálogo pessoal e manter a atenção dos alunos através da referência a aspetos mais pessoais do seu quotidiano.

3. No que respeita à matemática os objetivos principais enquadravam-se no desenvolvimento da capacidade de resolução de problemas e no desenvolvimento do raciocínio e da comunicação matemática. Neste sentido, procurou-se que diferentes experiências de aprendizagem, baseadas em situações reais dos alunos, os levassem a resolver problemas e a explicitar o seu raciocínio. Na planificação das atividades houve a preocupação de que cada atividade tivesse uma duração adequada à idade cronológica do aluno pois como os autores referem, existem tempos de

concentração diferentes em cada idade. Sendo que a área da matemática é uma área onde os alunos tendem a ter mais dificuldades os tempos para a execução da atividade foram sendo reajustados às necessidades dos alunos.

4. Na área de expressão plástica procurou-se que os alunos cooperassem entre si compreendendo e aplicando regras combinadas.

5. Em relação à área de expressão e educação musical, através do corpo em movimento, os alunos tiveram oportunidade de desenvolver potencialidades musicais. Assim, através de canções populares, os alunos, conhecem tradições, desenvolvendo-se enquanto pessoas. Para além disso, desenvolveram-se atividades que possibilitam o desenvolvimento de competências relacionadas com a discriminação auditiva e visual.

A cidadania, como área transversal, constituiu-se fundamental como processo de desenvolvimento de competências cognitivas, sociais e afetivas, baseadas em situações de estreita ligação com o conjunto de valores que caracterizam a sociedade em que a escola se insere. Foi, então, possível promover momentos de debate sobre temas que culminam em momentos de reflexão.

Mais uma vez procurou-se usar como estratégia o diálogo, o envolvimento dos alunos em debates interessantes e estimulantes para a sua aprendizagem, privilegiando a relação afetiva entre o professor e os alunos com momentos de conversa pessoal.

Outra estratégia utilizada para manter os alunos motivados foi a apresentação de atividades variadas, tendo em conta o cansaço evitando a monotonia e privilegiando o carácter lúdico como fator motivacional para a execução da atividade. Por exemplo, na atividade da sopa de letras os alunos consolidaram novos conhecimentos de forma lúdica e por isso aderiram bastante bem à atividade.

Já na atividade dos sólidos geométricos foi utilizada como estratégia motivacional a relação entre conhecimentos prévios e novos conhecimentos adquiridos. Ao permitir a manipulação dos sólidos geométricos, os alunos conseguiram relacionar o que viam com objetos do cotidiano e assim apreender mais facilmente a nova matéria.

Uma estratégia comum em todas as planificações de atividades foi a importância dada ao trabalho em grupo ou em pares e a inter-ajuda entre colegas. Quando os alunos trabalharam de forma cooperativa mostraram-se mais interessados nas atividades e conseguiram obter melhores resultados. Também quando se entre-ajudaram houve a possibilidade dos alunos com mais dificuldades conseguirem terminar as suas tarefas e perceber através dos colegas outras formas de fazer o mesmo. Por isso era recorrente que os alunos que terminavam mais depressa as suas tarefas se concentrassem em ajudar os colegas com mais dificuldades numa espécie de tutoria de pares. Esta tutoria além de criar laços de confiança entre os alunos era uma forma eficaz de equilibrar os conhecimentos gerais da turma e garantir um bom ritmo de trabalho.

Tendo em atenção essas crianças com mais dificuldades outra estratégia motivacional utilizada era a planificação de atividades estruturadas e subdivididas com instruções simples e repetidas. O professor pergunta constantemente se entendem a atividade proposta e repete as instruções as vezes que forem necessárias.

Outra forma de motivar os alunos é através do apoio direto dado pelo professor em sala. Por isso durante a execução das atividades houve sempre a preocupação de supervisionar de perto os alunos mostrando disponível para ajudar e esclarecer dúvidas. Além disso, os alunos mais distraídos e conversadores mantinham-se mais concentrados na tarefa pelo facto de verem a professora a circular pela sala.

Sintetizando, estes foram os princípios sustentadores da PES considerando as necessidades e experiências vivenciadas pelos alunos, bem como os próprios programas de ensino. Mais se refere

que para cada intervenção foi elaborada uma sequência didática, onde são definidas estratégias de aprendizagem de acordo com as intenções pedagógicas para potenciar o desenvolvimento de competências nos alunos (as planificações encontram-se, conforme previsto, no dossier de estágio).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este Relatório Final surge no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada (PES) e teve como objetivo geral descrever e refletir a experiência vivenciada na prática pedagógica e as atividades desenvolvidas com os alunos, fundamentadas por meio do enquadramento teórico e metodológico adequado. Este relatório apresenta-se assim como o elo de ligação entre a prática pedagógica e a respectiva compreensão científica do tema de estudo.

Revisitando a ação desenvolvida aquando da PES conclui-se que esta se revestiu de extrema importância na formação pessoal enquanto futura profissional, pois trata-se de uma etapa fundamental da formação de futuros profissionais da educação neste que é o início de um processo contínuo de formação.

A PES foi para mim uma experiência bastante enriquecedora pois permitiu-me ter contato com professores mais experientes e proporcionou-me a oportunidade de troca de experiências, o trabalho em equipa, a reflexão e análise referente à qualidade do ensino.

E, foi a partir da pesquisa dos teóricos e de metodologias de ensino que percebi o quanto devemos valorizar e oferecer aos nossos alunos uma educação que lhes proporcione oportunidades de aprendizagens, numa perspectiva de totalidade, superando a visão fragmentada do conhecimento, buscando sempre novas possibilidades, trilhando outros caminhos e reconhecer que o conhecimento não é algo dado, mas construído com a junção de saberes e fazeres.

Ser professor hoje é buscar articular teoria e prática, pois é necessário desenvolvermos atitudes e práticas significativas e coerentes, através de leituras e compreendê-las a partir de referenciais teóricos no intuito de melhorar, ampliar e adquirir novos conhecimentos. A sala de aula é um espaço privilegiado para a produção do conhecimento, para a soma de experiências, para o

debate e principalmente o esclarecimento de dúvidas.

Muitas aprendizagens e descobertas ocorreram complementando e aprimorando a minha prática pedagógica no processo ensino/aprendizagem, principalmente com relação ao levantamento prévio dos conhecimentos dos alunos, o diálogo, o trabalho em grupo como interação com o outro para a construção do conhecimento, no caso, com um colega mais experiente; e a relação entre teoria e prática, para a fundamentação das minhas ações pedagógicas.

O Dossier de Estágio e a Reflexão das Atividades foi um instrumento importante que possibilitou refletir, e avaliar as aprendizagens ocorridas durante a realização das mesmas, possibilitando uma análise da minha prática pedagógica com relação ao que já sabia e aos novos conhecimentos adquiridos.

O desenvolvimento da PES permitiu uma atitude de interrogação constante, permitindo a consciencialização da importância da reflexão, por forma a apoiar e melhorar a ação, promovendo assim o sucesso educativo.

Ao assumir esta atitude reflexiva foi possível observar, planificar, avaliar e reformular a prática, para que fosse realizado um trabalho que se revertesse válido para as crianças.

Assim, partindo de uma reflexão crítica e fundamentada do resultado da ação educativa desenvolvida no 1º ciclo do ensino básico, durante o processo de estágio, surgiu a necessidade de procurar resposta para as seguintes questões:

- . Como promover a atenção no processo de aprendizagem de crianças de 1º ciclo do ensino básico?
- . Que estratégias de aprendizagem fomentam a atenção dos alunos e promovem a sua aprendizagem significativa?

Para tentarmos responder a estas questões e posteriormente traçarmos uma linha de ação e

intervenção para a nossa prática pedagógica pesquisámos o que os vários autores abordam sobre o tema de estudo. Nessa pesquisa preocupámo-nos em identificar e clarificar a definição dos conceitos mais importantes para o estudo tais como a definição de atenção, motivação, fatores intervenientes na falta de atenção e da motivação, e também a importância do papel do professor no processo ensino-aprendizagem.

Para além deste aspeto mais teórico da pesquisa procurámos fazer um levantamento de estratégias de intervenção que refletem um aspecto mais prático dessa mesma pesquisa. Não acreditamos em "receitas" ou em formas de trabalhar standartizadas mas cremos ser importante reunir informação acerca de estratégias de intervenção concretas, que sirvam de guia orientador na planificação das atividades que compõem a prática pedagógica.

Desta maneira, procurámos realizar atividades com as crianças que, de uma maneira geral tivessem por base o suporte teórico da nossa pesquisa mas centrámos os objetivos específicos dessas atividades no aspeto prático que todo o levantamento de estratégias de intervenção para captar a atenção nos fornece. Assim, essas estratégias, adequadas aos grupo de crianças, à sua idade, ao ciclo de ensino e às suas especificidades constituíram-se na forma de intervenção pedagógica para entender e analisar o problema no terreno ao mesmo tempo que se procuram soluções para o mesmo.

Uma das estratégias de atenção utilizadas nas atividades realizadas com os alunos foi a diversidade de atividades e tarefas. A realização de atividades variadas favorece a motivação e possibilita que o aluno se concentre e apresente atenção nos momentos de aprendizagem.

Destaca-se também que as crianças atendem somente a um estímulo e ao se depararem com mais de um, perdem o foco da atividade proposta, ou seja, trabalham melhor quando se fixam na tarefa a ser desenvolvida

Diante disso, percebemos a importância do professor orientar o seu aluno a selecionar o

dado relevante, pois para Pozo, os estudantes precisam ser orientados quanto à escolha das informações mais importantes, e acrescenta dizendo que eles “não sabem selecionar, ou seja, dirigir adequadamente o foco de sua atenção para o que é mais relevante, porque não foram ensinados a fazê-lo” (2002, p. 149). Assim, as atividades realizadas com os alunos além de diversificadas, foram simples, com instruções claras e concretas.

Igualmente verificou-se que as crianças movimentam o corpo para concentrar-se. A respeito disso, Silva (2003, p.53) salienta que “são típicas da infância a agitação, as correrias, a falta de atenção em atividades encadeadas e um tanto prolongadas, principalmente se não tiverem algum atrativo especial”.

Outro aspeto a destacar, refere-se à ausência de perguntas diante de possíveis dúvidas; o dado parece indicar a passividade do aluno diante da dificuldade ou dúvida. Com relação a essa característica, Behrens (2005, p. 42) esclarece dizendo que

O aluno, na tendência de ensino tradicional, caracteriza-se como um ser recetivo e passivo. [...] Sua função no processo educativo é realizar tarefas, preferencialmente sem questionar seus objetivos. [...] único e isolado, dever ser instruído e precisa assimilar a transmissão dos conhecimentos propostos.

Ressaltamos, portanto, a necessidade do professor elaborar atividades bem estruturadas que levem o aluno a se tornar sujeito ativo e reflexivo em todos os momentos da aprendizagem e deixe de lado toda a passividade para “aprender a aprender”.

As atividades propostas aos alunos tiveram por isso uma componente lúdica para que pudessem ser atrativas e estes se mantivessem motivados e interessados. Foram também estruturadas de modo a que os alunos as realizassem de forma autónoma sendo que o papel do professor sempre foi o de supervisionar e mostrar-se disponível para esclarecer dúvidas.

No decorrer da minha prática pedagógica observou-se que as crianças, de maneira geral, nessa fase do desenvolvimento e da aprendizagem apresentam atenção e concentração na hora de aprender e entendem o que é proposto. Por que então, houve alturas em que se observou precisamente o contrário? Porque nem sempre as crianças reagiram da mesma forma ao que era proposto pelo professor e dispersaram a sua atenção?

Através da pesquisa bibliográfica que efetuei para este trabalho pude constatar que o papel do professor é determinante para a motivação e a captação da atenção do aluno à tarefa proposta.

Na sua prática pedagógica, o professor deve desenvolver atividades variadas, respeitando o tempo de atenção da criança, ajudando a reconhecer o que a leva à distração, e o que a motiva para aprender com mais facilidade e competência.

O dinamismo da informação faz com que cada vez mais o professor, além de se perceber como alguém que para ensinar também aprende, conhece como o aluno aprende e as estratégias que utiliza. Nessa perspectiva, possibilita ao aluno o caminho para a tomada de consciência e controle das estratégias que utiliza para aprender, levando-o a melhores resultados na sua vida acadêmica.

Ao refletir sobre o percurso de aprendizagem vivenciado, acredita-se ter contribuído, através do potencial pedagógico das atividades realizadas, para o desenvolvimento global de cada criança

Importa ainda referir que a integração e articulação da teoria com a prática foi possível pelo aprofundamento teórico que é o suporte necessário para as situações reais de ensino/aprendizagem durante a PES.

Desta forma, considera-se que o trabalho realizado contribuiu de modo significativo para o desenvolvimento de aprendizagens significativas para as crianças. Reconhece-se, no entanto, que o mesmo teria sido mais benéfico se se dispusesse de mais tempo de PES, dado que se considera que as estratégias de atenção devem ter uma continuidade para poder garantir que os alunos estando

motivados para aprender tenham aprendizagens significativas.

Além de todos os aspetos positivos de uma PES como a realizada, durante o processo de estágio surgiram alguns aspetos tidos como limitativos, como o facto de nem sempre ser fácil o acesso a bibliografia que sustentasse a PES quer pela falta de tempo quer pela (in)disponibilidade de alguns livros/artigos; a dificuldade em adaptar certas tarefas que se tornassem exequíveis às crianças quando realizadas em grande grupo e a gestão do tempo curricular.

No final desta etapa salienta-se a importância para uma formação contínua por forma a sensibilizar os professores para a importância de estratégias de aprendizagem, nomeadamente e mais concretamente, estratégias de atenção, na medida em que se acredita nas implicações enriquecedoras que estas promovem no desenvolvimento das crianças, sendo, por isso, uma prática a privilegiar.

BIBLIOGRAFIA

- Behrens, M. A. (2005), *O paradigma emergente e a prática pedagógica*. Petropolis: Vozes.
- Bzuneck, J. A. (2009), (Org.). *A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea*. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Carrasco, J. B. (2004), *Estratégias de Aprendizaje para aprender más y mejor*. Madrit: Rialp, .
- Estrela, M. T. (1986). *Une étude sur l'indiscipline en classe*. Lisboa : INIC.
- Dias, M. (2009), *Promoção de competências em Educação*. Leiria: Instituto, Desenvolvimento e Estudos avançados.
- Fernandes, Alzira (2006), “ *Alunos agitados-estratégias*”, psicotema-esbf.blogspot.pt, 22 de Investigação Novembro.
- Fernald, A., & Kuhl, P. (1987). *Acoustic determinants of infant preference for motherese speech*. Infant Behavior and Development.
- Fita, E.C. (2003), *O professor e a motivação dos alunos. O que é e como se faz*. 5ª ed. São Paulo: Loyola,
- Guimarães, S.E.R. (2001), *Motivação intrínseca, extrínseca e o uso de recompensas em sala de aula*. In: Bzuneck, J.A.; Boruchovitch, E. (Orgs.). *A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Huertas, J. A. (2001), *Motivación: querer aprender*. Buenos Aires: Aique.
- Lima, L. M. S. (2000), *Motivação em sala de aula: a mola propulsora da aprendizagem*. In: Sisto, F. F; Oliveira, G. C; Fini, L.D.T. (Orgs) *Leituras de psicologia para formação de professores*. Rio de janeiro: Vozes.
- Pozo, J. I. (2002) *Aprendizes e mestres: a nova cultura da aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed Editora.
- Silva, A. B. B. (2003) *Mentes Inquietas: entendendo melhor o mundo das pessoas distraídas, impulsivas e hiperativas*. São Paulo: Gente.

Sprenger, M. (2008) *Memória: como ensinar para o aluno lembrar*. Porto Alegre: Artmed.

Tapia, J.A. (2003) *Contexto, motivação e aprendizagem*. In; Tapia, J.A.; FITA, E.C. A motivação em sala de aula: O que é, como se faz. 5ed. São paulo: Loloyla.

Taylor, E.W. (2008). *Transformative learning theory*. *New Directions for Adult and Continuing Education*, 119, 5-15.

Zenti, L. (2000) *Motivação e desmotivação: desafio para as professoras...* Disponível em:

<http://calvadosc3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/educar/>.

